

ENTREVISTA DIALÓGICA PARA O DIAGNOSTICO E MEDIAÇÕES TERAPÊUTICAS: AMPLIAÇÃO DA CONSCIÊNCIA E DIÁLOGO COM AS CAPACIDADES DOS DIFERENTES ESTILOS “COGNITIVOS-SOCIOAFETIVOS”

Eloisa Quadros Fagali¹

Instituto Sedes Sapientiae – PUC-SP

Lidia Santana Urresti²

Instituto Sedes Sapientiae – PUC-SP

RESUMO

A entrevista dialógica surge como uma ferramenta inovadora e humanizadora no âmbito clínico e psicopedagógico, destacando-se na anamnese, diagnóstico e acompanhamento familiar. Baseada na construção conjunta de sentido, essa abordagem fundamenta-se na escuta ativa, no diálogo autêntico e na valorização das múltiplas vozes, promovendo protagonismo tanto dos profissionais quanto dos clientes. Alicerçada em teorias de Paulo Freire, Mikhail Bakhtin e Martin Buber a entrevista permite acessar conteúdos subjetivos, históricos, sociais e emocionais profundos, revelando mitos familiares, valores transgeracionais e crenças internalizadas que, muitas vezes, impõem limites ou depositam excessiva responsabilidade no cuidador. O ambiente acolhedor estimula relatos autênticos e reflexões críticas, ampliando a autonomia e a ressignificação das experiências. O estudo apresenta relatos clínicos, depoimentos de aprendizes e devolutivas psicopedagógicas que ilustram a aplicação da entrevista dialógica, utilizando principalmente contos, desenhos e outras expressões simbólicas como recursos facilitadores da escuta e da conexão entre estilos cognitivo-socioafetivos diversos. A análise de um caso envolvendo a fábula da formiga e da cigarra evidencia como a dialógica ampliou a consciência da criança e de seus pais, desenvolvendo respeito mútuo e autorrespeito. Ademais, a devolutiva por meio do autorretrato ressaltou a importância dos elementos simbólicos na comunicação dialógica, destacando resistências e oportunidades para o crescimento durante o processo terapêutico. Esta pesquisa reforça o papel da entrevista dialógica como método integrativo e transformador, capaz de enriquecer práticas psicoterapêuticas e educacionais, mediar dificuldades de aprendizagem e ampliar a consciência afetiva e cognitiva dos envolvidos.

Palavras-chave: Entrevista dialógica, Psicopedagogia, Arteterapia, Estilos cognitivo-socioafetivos, Educação integrativa.

¹ Dra Prof. Eloisa Quadros Fagali: Dra em Psicologia, Psicóloga, Arteterapeuta, Psicopedagoga, supervisora, professora e orientadora de pesquisa do curso de psicopedagogia e arteterapia do Instituto Sedes Sapientiae e do curso de Psicopedagogia e setor de pesquisa PUC-SP.

² Prof. Lidia Santana Urresti: Pedagoga, Psicopedagoga, Arteterapeuta, Mestranda em Psicologia Clínica da PUC-SP, professora supervisora e orientadora de pesquisa no curso de Psicopedagogia PUC-SP e do Instituto Sedes Sapientiae.

DIALOGIC INTERVIEW FOR DIAGNOSIS AND THERAPEUTIC MEDIATIONS: EXPANSION OF CONSCIOUSNESS AND DIALOGUE WITH THE CAPACITIES OF THE DIFFERENT “COGNITIVE-SOCIO-AFFECTIVE” STYLES

ABSTRACT

The dialogical interview emerges as an innovative and humanizing tool within clinical and psychopedagogical fields, especially relevant in anamnesis, diagnosis, and family follow-up processes. This approach is based on authentic dialogue, active listening, and the appreciation of multiple participant voices, promoting a shared and flexible construction of meaning. Grounded in the theories of Paulo Freire, Mikhail Bakhtin, and Martin Buber, the method emphasizes genuine human encounters, recognizes the plurality of perspectives, and encourages the protagonism of both professionals and clients. It facilitates access to profound subjective, historical, social, and emotional contents, revealing family myths, transgenerational values, and internalized beliefs that often either impose limits or place excessive responsibility on caregivers. The welcoming dialogical environment fosters authentic narratives and critical reflections, enhancing autonomy and the re-signification of lived experiences. This study presents clinical narratives, trainee testimonials, and psychopedagogical feedback illustrating the application of the dialogical interview, employing storytelling, drawings, and other symbolic expressions mainly from art therapy to expand listening and connection among diverse cognitive-socioaffective styles. The analysis of a clinical case based on the fable of the ant and the cicada highlights how dialogue expands the awareness of a child and her parents about their differences and potentials, promoting mutual and self-respect. Furthermore, feedback through self-portraits underscores the significance of symbolic elements in dialogical communication, revealing resistances and the potential for growth during therapy. This work reinforces the role of the dialogical interview as an integrative and transformative method, capable of enriching psychotherapeutic and educational practices, mediating learning difficulties and expanding the effective, and cognitive awareness of those involved.

Keywords: Dialogical interview, Psychopedagogy, Art therapy, Cognitive-socioaffective styles, Integrative education.

Introdução

A entrevista de diagnóstico, associada a dinâmicas terapêuticas e de orientação educacional fundamentadas no método dialógico, tem se consolidando como uma ferramenta inovadora e humanizadora no contexto clínico, psicopedagógico e educacional, especialmente nos processos de anamnese, diagnóstico, intervenção terapêutica, orientações familiares, aos educadores e outros cuidadores. Em contraste com os modelos tradicionais de entrevistas, caracterizadas por questionários rígidos e sequenciais, a abordagem dialógica promove a construção compartilhada de significados, sustentada pelo diálogo autêntico, na escuta ativa e no acolhimento aberto do discurso dos participantes. As relações terapêuticas e orientações profissionais e cuidadores requerem uma perspectiva dialógica, que envolve a escuta das diferenças e o reconhecimento do potencial de cada indivíduo que ouve e se expressa, contemplando diferentes profissionais nos cursos de formação, terapeuta, cuidadores familiares e educadores.

O presente artigo apresenta os aportes teóricos sobre a “dialógica”, baseando-se em Martin Buber (1977), Von Zuben (1977) Mikhail Bakhtin (1992), Fernando Gonzalez Rey (2023), no enfoque Junguiano (1987) e em outros autores pós-junguianos, como Fagali (2000), Gemas, (2023) e Azevedo, (2024). Na dinâmica dialógica, manifestam-se diferentes vozes, provenientes do ambiente externo ou do mundo interno (inconsciente), que envolvem crianças, adolescentes, adultos e pessoas na terceira idade.

Os procedimentos dialógicos ampliam o acesso ao universo subjetivo, histórico, social e emocional dos envolvidos, mostrando-se capazes de revelar mitos familiares, valores transgeracionais, narrativas e crenças internalizadas — especialmente aquelas que depositam no cuidador ou no especialista expectativas excessivas ou sentenças limitantes, como o mito de “não poder”. O ambiente acolhedor e flexível da entrevista faz emergir relatos autênticos, permitindo que o pesquisador/terapeuta acompanhe, questione e comente a construção dos sentidos, estimulando o amadurecimento reflexivo das partes. Um exemplo comum é o surgimento de depoimentos como: “Sempre me disseram que meu filho não conseguiria, que era impossível, mas agora vejo que aprendo junto com ele”, seguido de reflexões do profissional: “Ao compartilhar sua história, o cuidador transforma o significado do cuidado e amplia a própria autonomia”.

Na prática, recortes de experiências mostrados por entrevistas reais evidenciam a potência dessa abordagem. No caso de uma família consultada sobre dificuldades escolares, a mãe afirma: “Já me disseram que não adianta insistir, mas percebo que há mudanças quando sou ouvida.” O terapeuta, ao acolher e validar tal percepção, favorece o surgimento de novas estratégias de manejo e o rompimento com padrões antigos de desvalorização. A dialógica, portanto, incentiva a participação ativa dos clientes e cuidadores, permitindo que reconheçam, discutam e superem valores tóxicos, ampliando sua compreensão sobre si e sobre o papel do contexto no desenvolvimento.

Em síntese, este artigo apresenta e discute a entrevista dialógica não apenas enquanto instrumento de coleta de dados, mas como experiência viva de troca, escuta humanizadora e resignificação de mitos limitantes. Por meio de exemplos extraídos das próprias narrativas dos clientes e cuidadores, e dos comentários do pesquisador/terapeuta na acolhida e na construção colaborativa dos sentidos, evidencia-se como esta metodologia propicia o amadurecimento e a autonomia dos participantes, enriquecendo os processos clínico-terapêuticos e de pesquisa.

Fundamentos teóricos da entrevista dialógica

A concepção dialógica tem raízes na filosofia clássica, como evidenciam os diálogos socráticos de Platão, nos quais o método da maiêutica possibilita a compartilhada pela verdade por meio da argumentação lógica entre mestre e discípulo. No entanto, a perspectiva dialógica contemporânea centra-se numa relação horizontal entre os interlocutores, privilegiando o encontro autêntico, a escuta ativa e a valorização das subjetividades, como apontam as abordagens modernas e pós-modernas.

Diversos autores dedicaram-se a expandir o entendimento dialógico para além das estruturas formais, enfatizando suas implicações nos processos terapêuticos, educacionais e de pesquisa. É relevante mencionar Martin Buber (1977), que destacou a importância do “encontro eu-tu” como constituinte da existência humana. Para Buber, o “entre” gerado pela relação dialógica é “berço de transformações profundas, permitindo a aproximação, o respeito às singularidades e o manejo dos opostos, sem anular a alteridade envolvida” (Von Zuben, 1977).

A partir dessas bases, a dialógica “Eu-Tu” de Buber também se fez presente nas práticas clínicas, como na Gestalt-terapia (Hycner & Jacobs, 1977), que retoma o valor do encontro e das trocas intersubjetivas como centrais ao processo de cura, reconhecendo o ser como “di-pessoal” e “di-alogal”. Fagali (2005) adota a concepção dialógica de Buber, ampliando esses conceitos ao enfatizar a escuta das diferenças, o compartilhamento de sentimentos, crenças, ideias e experiências no encontro terapêutico, pedagógico e multiprofissional. A autora ressalta a concepção de Buber sobre a presença dialógica “como um encontro face a face”, em um movimento “dialógico criativo” em que eu e o outro nos abrimos para a escuta das diferenças e buscas de complementações, ampliando as orientações terapêuticas e educacionais (Von Zuen, 1977).

Na tese de doutorado de Fagali (2001), a autora destaca a importância das entrevistas dialógicas como ferramenta fundamental em pesquisa, enfocando especialmente as experiências compartilhadas com alunos, pais e professores. Por meio dessas entrevistas, foram realizadas observações detalhadas e análises profundas que contribuíram para o desenvolvimento psíquico e cognitivo de todos os envolvidos na complexa dinâmica relacional de uma escola pública. Além disso, Fagali adotou o método narrativo, valorizando a riqueza das trocas dialógicas subjetivas entre os variados protagonistas da aprendizagem ali presentes: psicopedagogos, professores, alunos, pais e orientadores. Essa abordagem permitiu uma compreensão ampliada das múltiplas vozes e perspectivas, promovendo um espaço de escuta ativa e participação engajada.

No campo psicopedagógico e arteterapêutico, a dialógica potencializa a escuta dos diferentes estilos cognitivo-socioafetivos, mobilizando recursos expressivos — como narrativas, contos, pinturas e jogos simbólicos — que facilitam a construção do sentido e o autoconhecimento. Destaca-se o uso de contos compartilhados entre pais e crianças, que, na prática clínica, desvelam mitos familiares, identificações e valores ocultos influentes na dinâmica relacional (Fagali, 2005; Fagali e Lacava, 2013; Azevedo e Fagali, 2023, Fagali e Gema 2024).

O pensamento de Mikhail Bakhtin (1929; Di Fanti, 2003), filósofo e linguista russo, é fundamental para compreender a dialógica como processo inconcluso e plural, algo sempre em construção a partir do entrelaçamento de múltiplas vozes. Para Bakhtin, a dialogia nunca se finaliza, mas se renova a partir das experiências, dos saberes e das alteridades de cada sujeito.

“O princípio dialógico traz em seu corpo uma abordagem da “não finalização” e do “vir a ser” configurando com isso um princípio de inconclusividade da perspectiva da heterogeneidade e da diferença de alteridade”

(BAKHTIN, M. 1929, in Di Fanti, 2003, p. 97)

Fagali (2005) busca compreender e ampliar os conhecimentos por meio das entrevistas dialógicas, considerando essa dinâmica relacional compartilhada e as diferentes concepções e pontos de convergência nas trocas entre alunos nos cursos de formação profissional. Essa abordagem dialógica abre espaço para que os participantes escutem e compartilhem suas percepções, significados e experiências acerca da “relação afetiva” na dinâmica existencial e, sobretudo, nos processos de ensino e aprendizagem. Os resultados amplificados pela partilha possibilitam diferenciar os sentidos da relação afetiva que cada um traz de suas experiências, evidenciando essa dinâmica no encontro dialógico. Os alunos, na partilha com o professor-pesquisador, concluíram que é necessário considerar os diferentes sentidos e experiências da relação afetiva que aproximam ou distanciam pessoas, seja na dinâmica social, na aprendizagem, no processo de ensinar entre professor e aluno, ou na relação terapêutica entre psicopedagogo e cliente. Foram ampliados os significados compartilhados sobre diferentes estilos de pessoas que, posteriormente, conscientizaram-se sobre as diferenças de “estilos cognitivo-socioafetivos”, que devem

ser respeitados. Perceberam o quanto a “dialógica horizontal e compartilhada entre professor e alunos” possibilita a consciência e a prática da escuta e do respeito ao outro diferente, que podem se complementar. Ressaltaram os significados possíveis da relação afetiva ou “vínculos afetivos positivos e negativos”. As trocas e análises com os aprendizes nos cursos de formação psicopedagógica demonstraram que:

“(...) as modalidades de aprendizagem e os mitos culturais predominantes na cultura do cuidador do aprendiz ou da instituição influenciam na forma de perceber e de lidar com a relação afetiva nas diferentes situações de aprendizagem”.

(FAGALI, 2007, p. 59)

Nessa dialógica compartilhada, foram analisados e percebidos pelo professor e alunos integrantes as influências a serem consideradas das diferenças de estilos cognitivos-socioafetivos, segundo as concepções analíticas sobre a necessária ampliação da consciência e das diferentes situações terapêuticas e de aprendizagem:

“Nas conexões entre afeto e cognição deve-se levar em conta os diferentes estilos cognitivos -afetivos associados aos tipos de personalidade e às diversidades das modalidades de aprendizagem, tendo em vista o espectro de significados e de consciência do homem e as diversidades de situações, nas relações de ajuda.”

(FAGALI, 2007, p. 62)

Pesquisas psicopedagógicas recentes (Fagali & Pugliese, 2015; Gemas & Fagali, 2023) destacam o método dialógico, enriquecido pelo compartilhamento das narrativas, como estratégia para ampliar a consciência dos participantes acerca de suas experiências e potenciais, contribuindo para a superação de dificuldades de aprendizagem, conflitos afetivos e baixa autoestima. Os participantes, reconhecendo e respeitando os diferentes estilos cognitivo-socioafetivos, podem ressignificar mitos, crenças preconceituosas limitantes, e experimentar processos colaborativos de construção de sentido, seja por meio da escuta verbal, seja através de recursos artísticos.

Gemas e Fagali (2024) ressaltam nas elaborações e práticas dialógicas de Bakhtin a “dimensão plural das vozes” presente na “dialógica” acrescentando as contribuições psicanalíticas e analíticas nos diagnósticos e práticas terapêuticas com clientes crianças, adolescentes, adultos, e pessoas na terceira idade, e nas orientações aos cuidadores (pais ou educadores). Do ponto de vista psicanalítico e analíticos, as referidas vozes, além de vir do ambiente em que ocorrem o encontro, emergem também do inconsciente daqueles que compartilham as experiências e escutam o outro e a si próprio, favorecendo ou impedindo o “encontro dialógico múltiplo”.

Fagali e Pugliese em 2015, desenvolveram uma pesquisa nos cursos de formação em psicopedagogia, adotando um tipo de dialógica definida por Fernando Gonzalez Rey (2023) como “método de conversação”. Essa abordagem estabeleceu uma “dialógica compartilhada horizontal” entre professores-pesquisadores e alunos dos cursos de psicopedagogia do Instituto Sedes Sapientiae e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. A análise dessa pesquisa identificou perfis distintos entre os participantes das conversações, levantando hipóteses sobre as diferentes experiências socioculturais e históricas que influenciam os estilos de escuta e expressão dialógica sobre os sentidos ou significados das dificuldades de aprendizagem. Ressaltou-se a importância de respeitar esses estilos diversos, que se manifestam por meio de expressões verbais e não verbais, como desenhos, pinturas e contos, utilizados para exteriorizar sentimentos, pensamentos e fantasias. Durante o estudo, foram exploradas as trocas de percepções que os participantes tinham a respeito das dificuldades de aprendizagem que enfrentavam, incluindo colegas e as crianças de quem cuidavam.

As experiências vivenciadas, permeadas pelas trocas com o outro, são consideradas como uma condição essencial para a “produção de sentidos subjetivos, onde diferentes configurações de personalidade participam ativamente em formas diversas de expressão desses sentidos” (Fagali & Pugliese, 2015, p. 101). Na pesquisa em questão, os depoimentos foram bastante positivos, destacando como o diálogo compartilhado entre colegas contribuiu para ampliar o olhar de cada um sobre si mesmo e sobre o outro. Esse processo envolveu o resgate de histórias pessoais e de concepções relacionadas às dificuldades e facilidades vivenciadas na infância, frequentemente incentivadas pela cultura familiar ou por ambientes externos ao contexto doméstico.

Em estudos posteriores realizados com crianças e seus pais, as entrevistas dialógicas possibilitaram a retomada de memórias que revelam traços transgeracionais associados a mitos herdados de experiências familiares passadas. Essas narrações, com maior ampliação da consciência, favoreceram as ressignificações tanto das facilidades quanto das dificuldades enfrentadas na infância e transferidas no momento presente. A ampliação do diálogo para além da criança, envolvendo adultos, cuidadores e familiares, promoveu um espaço rico para o compartilhamento dessas narrativas, reforçando a importância da troca entre gerações, e superações dos mitos que favorecem ou dificultam vínculos afetivos, impactando diretamente os processos de assimilações cognitivas e socioafetivas.

A equipe multiprofissional, sob a supervisão de Fagali, apresentou pesquisas (2000, 2005) que aprofundam a compreensão sobre as interferências dos conteúdos inconscientes – tanto individuais quanto coletivos – que emergem durante os processos dialógicos. Esses especialistas, entre eles psicólogos, psicopedagogos, arteterapeutas, pedagogos e pesquisadores, têm dedicado esforços à ampliação das práticas dialógicas, articulando a troca de experiências e percepções entre terapeutas, clientes e cuidadores. O objetivo é fortalecer os encontros dialógicos, ampliando a consciência dos envolvidos acerca da importância de reconhecer tanto as semelhanças quanto as diferenças, valorizando o potencial de cada estilo na compensação das dificuldades a serem atenuadas ou superadas. Essa ampliação da consciência de terapeutas, cuidadores e clientes é fundamental para a superação de limitações, além de contribuir para o fortalecimento das práticas terapêuticas e educacionais.

Esta pesquisa, assim como outras, valoriza o diálogo compartilhado entre múltiplas vozes, reconhecendo e respeitando o potencial de cada estilo individual. Além disso, busca explorar a riqueza dos recursos expressivos presentes nas manifestações artísticas e nas atividades lúdicas, ampliando a qualidade das análises e das trocas que ocorrem nesse processo dialógico. Nesse contexto da dinâmica dialógica, as diferentes formas de expressão — verbais, gestuais e não verbais — podem facilitar as narrativas. Os contos compartilhados entre pais e crianças mostram-se poderosos instrumentos na retomada das histórias e mitos vividos, permitindo que temas difíceis fossem abordados de forma simbólica e acolhedora desde os primeiros anos de vida.

Recortes de depoimentos dos participantes da dialógica: análise dos estilos cognitivo-socioafetivos e recursos das artes

A seguir, apresentaremos depoimentos que ressaltam experiências dialógicas compartilhada, acompanhados de análises da equipe psicopedagógica, ilustrando como a escuta respeitosa e o diálogo possibilitam o autoconhecimento, a ampliação da consciência e a valorização dos estilos cognitivo-socioafetivos.

1. Depoimentos de adultos, aprendizes do curso de psicopedagogia, sobre o valor e ampliação de sua consciência possibilitada pela dialógica compartilhada com aprendizes do curso de formação em psicopedagogia: trocas de experiências e auto percepção sobre dificuldades de aprendizagem - (Pugliese e Fagali, 2015)

Segue trechos dos depoimentos apresentados na pesquisa de Fagali Pugliese: A produção de sentidos subjetivos por alunos da psicopedagogia sobre dificuldades de aprendizagem:

Aprendiz C: *“Nas trocas de experiências com o aprendiz e colegas parceiros percebíamos nossa cegueira de não olhar a capacidade do outro e só ver suas dificuldades, ou de não olhar as nossas próprias dificuldades, apesar das nossas capacidades”.*

Aprendiz P: *“(...) A escuta do outro e o respeito aos diferentes modos de agir, pensar e reagir têm ajudado na construção da minha personalidade(...). Enquanto se trabalha o outro, também está trabalhando a si mesmo”.*

Aprendiz S: *“No início eu me colocava do lado ouvindo o que as outras pessoas falavam. Tinha vaga lembrança da criança que fui. Essas trocas com as colegas possibilitaram lembrar comais detalhes minha história, me olhar sobre o que eu era diferente e igual ao que as outras contavam conversando com minhas emoções sobre as perdas e ganhos e que elas não precisam ser sentidas como absolutas (...) Poder me conhecer, sentindo minhas capacidades e ganhos e vendo minhas dificuldades e perdas foi fundamental para poder sentir, pensar e agir melhor nas situações de aprendizagem diante dos desafios dos limites e das variações de dificuldades e de superação”.*

O profissional, ao estimular relatos livres e oferecer acolhida crítica, não apenas auxilia na superação de mitos familiares (“não posso”, “sou incapaz”, “só o outro sabe”), mas suscita o reconhecimento de potencialidades, a abertura criativa e o desenvolvimento de vínculos mais autênticos entre todos os participantes.

As análises das experiências de compartilhamento na dinâmica dialógica, ou das conversações entre os aprendizes do curso de formação em psicopedagogia, confirmaram como a escuta e a troca de percepções e vivências relacionadas às dificuldades de aprendizagem foram ampliadas e ressignificadas, favorecendo maior consciência e autopercepção desses aspectos. Os participantes destacaram a importância de escutar o outro, valorizar suas histórias e capacidades, além de desenvolver uma autopercepção mais abrangente de suas próprias experiências e percepções no contato com colegas e com aqueles a quem oferecem cuidados, seja como educadores ou como terapeutas psicopedagógicos em formação. Contudo, nessas experiências não foi possível aprofundar a análise das diferenças de estilos, embora já houvesse o reconhecimento dessas distinções nas trocas com colegas e com os indivíduos sob seus cuidados.

Nas práticas desenvolvidas pela psicopedagoga Fagali sobre a identificação dos estilos cognitivo-socioafetivos, foi possível estimular a autopercepção do aprendiz C, que apresentava traços marcantes do estilo sentimento extrovertido, integrado ao introvertido. Esse aspecto favoreceu uma maior abertura para a dinâmica da troca compartilhada, mobilizando com facilidade sua autoanálise e a busca de um olhar voltado ao outro.

O aprendiz P evidenciava um traço intuitivo associado à subjetividade, o que possibilitou maiores elaborações e tentativas criativas para se adequar ao diferente. Já o aprendiz S apresentava predominância do pensamento integrado ao sensorial, o que gerava resistência em expor seus sentimentos. Com a continuidade, contudo, conseguiu manifestar suas percepções, complemen-

tando-as com as dos colegas, ainda que demonstrasse maior dificuldade em retomar experiências vividas no nível do sentimento.

Foram selecionados esses três depoimentos para ilustrar a experiência e o valor da dialógica, que evidenciaram diferenças nos estilos cognitivo-socioafetivos, permitindo analisar como a escuta dialógica favorece o desenvolvimento do potencial de cada participante. Constatou-se, em uma segunda etapa desta pesquisa, que as características do estilo subjetivo facilitavam a escuta e o compartilhamento nas práticas dialógicas.

2. Prática clínica dialógica e análise psicopedagógica com criança e pais que revelam seus estilos identificados nas personagens da fábula “A Formiga e a Cigarra”: Azevedo & Fagali, 2023, p. 167

O exemplo clínico detalhado por Azevedo e Fagali (2023) ilustra a importância da dialógica com a criança e os pais, utilizando como mediação o conto que possibilita as projeções e introjeções inconscientes da criança e dos pais sobre as personagens da fábula “A Cigarra e a Formiga”.

A criança M.C., de 10 anos, durante o diagnóstico multiprofissional — psicológico, fonoaudiológico, neuropsicológico e psicopedagógico — não apresentou dificuldades específicas de atenção, memória ou aprendizagem escrita. Entretanto, demonstrava constantemente insegurança ao afirmar “não saber” ou “não ser capaz”, revelando baixa autoestima em relação às suas capacidades. Nas atividades psicopedagógicas que favoreciam a expressão espontânea e criativa, contudo, evidenciava facilidades e motivação para aprender e realizar as tarefas. O diagnóstico psicopedagógico indicou facilidade de aprendizagem, embora se observassem bloqueios nas atividades e baixo rendimento nas avaliações de desempenho escolar.

A psicopedagoga Azevedo avaliou detalhadamente as características da criança, destacando inteligência, atenção, memória e habilidades que revelavam potenciais de um estilo subjetivo com fortes traços intuitivos. Observou-se, ainda, sua identificação com o gosto musical compartilhado com o pai, aspecto valorizado e comentado pela própria criança nas trocas com a psicopedagoga.

Para mobilizar a dialógica entre a criança e os pais, Azevedo selecionou a fábula “A Cigarra e a Formiga”. Ao ser questionada sobre com qual das duas personagens mais se identificava, a criança respondeu de forma espontânea e carregada de significado, trazendo à tona as vozes familiares que influenciavam sua compreensão e seus sentimentos. Em seguida, ao ser indagada sobre sua opinião a respeito da formiga e da cigarra, e sobre quem estaria certa ou errada, a criança respondeu:

“a formiga porque a cigarra não tirou dois dias para buscar comida. Na minha família inteira todos são mais parecidos com a formiga porque só trabalham. O meu pai também trabalha, mas as vezes arruma um tempinho para tocar o violão” (p. 166, 167).

A psicopedagoga Azevedo e parceira supervisora Fagali perceberam como os estilos de todos foram revelados — a mãe “formiga”, mais focada no trabalho operativo; o pai mais intuitivo e criativo, ligado à música; a criança identificando-se com ambos, mas pressionada pelo valor do trabalho imposto pelo modelo materno.

As análises das negações e identificações dos estilos da criança, da mãe e do pai foram sendo expressas gradativamente, permitindo associações positivas aos símbolos da formiga e da cigarra. A mãe apresentava um perfil “formiga”, predominante em um estilo sensorial-concreto, voltado ao trabalho operativo e prático. O pai, por sua vez, manifestava características mais liga-

das à intuição, expressando-se por meio da criação artística e musical. A criança, inicialmente, parecia imitar o estilo da mãe, imposto de maneira mais rígida, ao mesmo tempo em que rejeitava a intuição e o sentimento do pai, embora fosse com ele que mais se identificava, sobretudo pelo gosto pela música.

Na continuidade dessas conversas, envolvendo as múltiplas vozes da formiga, da cigarra, da criança, do pai e da mãe, foi possível ampliar a consciência tanto da criança quanto dos pais sobre seus potenciais individuais e sobre a relação entre seus estilos, sem recorrer a polarizações rígidas de bem e mal. Essa abordagem permitiu que as diferentes formas de ser e agir fossem reconhecidas e valorizadas, promovendo uma visão mais integradora e aberta.

Azevedo, em diálogo com Fagali, que se mantinha como parceira da pesquisa, constatou que a aplicação dos recursos da arteterapia — especialmente o uso de contos — mostrou-se particularmente eficaz para favorecer a dialógica, acolhendo e valorizando as diferentes formas de expressão e identificando os estilos que crianças e pais projetam sobre heróis ou personagens das narrativas. Fagali e Azevedo (2023) concluíram que:

“(…) A narrativa e os recursos das artes mobilizaram as introjeções, as projeções e dança entre diferentes capacidades até chegarem ao ponto vulnerável em que o sujeito apresenta maior dificuldade. Com este relato de caso, novas conquistas se abrem na dinâmica relacional com foco nas diferenciações dos estilos cognitivo-socioafetivos e nos diferentes potenciais dos que aprendem, dos que fazem terapia e dos professores que ensinam”.

(AZEVEDO, FAGALI, 2023, p. 170)

O recurso artístico e narrativo ampliou a consciência familiar, promovendo o autorrespeito e a valorização das diferenças de estilos identificados nos traços da mãe, do pai e da criança. O reconhecimento e o respeito ao estilo da criança permitiram à terapeuta, aos pais e à própria criança compreender o valor dos potenciais tanto da formiga quanto da cigarra, que poderiam ser respeitados e complementados em cada um.

Azevedo e Fagali concluíram, em relação ao mito familiar, aos pais e à escola, que a identificação da formiga estava associada à predominância dos traços de sensorialidade e pensamento, enquanto a cigarra remetia principalmente aos traços ligados ao estilo sentimento e à intuição.

“Nesse diálogo, há a predominância de um mito na família onde é associado a um valor dos estilos cognitivo-socioafetivo de uma mãe socioafetivo sensorial e do pai há identificação de um estilo cognitivo-socioafetivo subjetivo que integra à imaginação intuitiva. A criança não conseguia identificar o seu estilo e poder diante da predominância do desenho e da capacidade do estilo da mãe, também reforçado pela família e pela cultura que valoriza o pragmatismo muito presente no momento. Supõe-se que a criatividade diálogo e aceitação da subjetividade e da imaginação de M.C (criança) busca não se encontram na dinâmica familiar e nem na cultura da escola, pois trata-se de uma instituição com traços mais tradicionais que valorizam as tarefas estruturantes e objetivas”.

(AZEVEDO, FAGALI, 2023, p. 170)

Esses recortes evidenciam que, na entrevista dialógica e no trabalho grupal, a escuta ativa, o espaço para narrativas e o respeito às diferenças transformam experiências isoladas em aprendizagens compartilhadas. As intervenções psicopedagógicas desenvolvidas por Azevedo com a criança e seus pais demonstraram como a dinâmica dialógica mediada pelos contos, aliada à ampliação da consciência de cada um sobre as capacidades relacionadas ao próprio estilo, foi fundamental para que a criança M.C. pudesse valorizar seu potencial e avançar em sua aprendizagem. Esse processo permitiu-lhe integrar sua função sentimento com os traços intuitivos

que identificava no pai, bem como com a função sensorial e o pensamento presentes na mãe e inicialmente impostos a ela.

Azevedo e Fagali apresentaram essa prática dialógica sistêmica com os pais e a criança, constatando o relevante valor das mediações por meio dos contos, bem como a importância da ampliação da consciência de terapeutas, pais e crianças em relação ao potencial de cada estilo, frequentemente negado pelos pais e pela escola. A criança deu continuidade ao acompanhamento psicopedagógico, valorizando seu estilo subjetivo integrado ao intuitivo. Contudo, não foi possível ampliar essa consciência junto aos educadores, em razão da predominância de uma cultura escolar mais tradicional. Na prática psicopedagógica, a profissional enriqueceu o processo com atividades lúdicas e diferentes recursos da arteterapia.

As respostas decorrentes dessa prática dialógica terapêutica, que utiliza recursos da arte e valoriza o potencial da criança, precisam ser mais desenvolvidas nas orientações aos pais e no contexto escolar, de modo a abrir espaço para uma dialógica que amplie a consciência de cada cuidador sobre o próprio estilo e sobre o estilo daquele de quem cuida.

3. Relato da Psicopedagoga Lídia Urresti sobre a devolutiva para os pais: ampliações da dialógicas e recursos simbólicos - Dinâmica do autorretrato

Apresentamos a seguir uma devolutiva aos pais de uma criança intitulada como “G”. Essa devolutiva foi conduzida de forma dialógica, incorporando recursos da arteterapia para facilitar a compreensão da importância do vínculo familiar no processo de desenvolvimento infantil, complementada por uma análise psicopedagógica rigorosa:

“Durante o encontro entreguei os autorretratos elaborados por G aos seus pais. Ao receber o desenho, os olhos da mãe se iluminaram, e ela comentou com surpresa e ternura que reconhecia a imagem como sendo a do próprio filho. Eu confirmei que se tratava realmente do autorretrato de G, que ele havia produzido com muito carinho, confeccionando um exemplar para cada um dos pais. Em seguida, distribuí envelopes de tamanhos pequenos, menores que as folhas dos autorretratos, para que guardassem os desenhos cuidadosamente durante nossa conversa.

Logo após a entrega dos autorretratos, o pai de G, com um sorriso, perguntou se eu não teria um envelope maior para guardar os desenhos. Sorri e informei que não havia disponível outro envelope. A mãe, demonstrando certo receio, comentou que a dobra poderia prejudicar o desenho. Mantive a serenidade, percebendo a preocupação implícita, e observei que, com alguma resistência, ambos os pais acabaram dobrando os desenhos para guardá-los nos envelopes fornecidos. Essa resistência revelou-se significativa, sugerindo uma relutância, consciente ou inconsciente, que simbolizava um temor profundo diante do significado daquele gesto”.

Essa resistência, sob a óptica junguiana, pode ser vista como uma manifestação natural da psique, uma defesa contra os conteúdos inconscientes que ainda não estão prontos para serem integrados. Jung (1987) fala dessa dinâmica como parte do processo de individuação — o caminho pelo qual cada pessoa se torna uma versão mais integrada de si mesma. A dificuldade em dobrar o autorretrato talvez simbolize o temor dos pais diante das marcas invisíveis que eles percebem estarem deixando no filho, uma espécie de sinal interno do peso da responsabilidade ou do medo do que está por vir.

“... foi solicitado que os pais retirassem o autorretrato do envelope e tentassem desdobrar as dobras no desenho do filho, como um exercício simbólico de reversão dos impactos causados. A mãe, com um sorriso delicado, perguntou se poderia usar um ferro para “consertar” o papel. Foi indagado se ela acreditava que tal recurso poderia restaurar o desenho exatamente ao seu

estado original, ao que ela respondeu negativamente. Silenciosamente, ambos permaneceram olhando para o desenho, acariciando suavemente o papel, quase numa tentativa de apagar as marcas apenas com o toque das mãos. Esse momento de silêncio compartilhado foi um dos mais significativos da sessão, carregado de uma reflexão profunda sobre as imperfeições inevitáveis e a impossibilidade de desfazer o passado, simbolizando as marcas que permanecem vivas. Com a voz tranquilizadora que revelava a intensidade daquele instante, o pai resumiu a experiência com a expressão: - Que forte.”

Analisando a dinâmica sob a lente dos estilos cognitivo-socioafetivos e os recursos da arteterapia, podemos supor que a mãe de G manifesta uma predominância pelo tipo introvertido e estilo sensorial concreto, caracterizado pelo apego às tradições, cuidado minucioso com o que é concreto e uma forte ligação afetiva — sua resistência ao ato de dobrar o desenho pode simbolizar seu esforço para preservar a integridade do filho, ligada a um compromisso protetivo muito profundo. Já o pai, expressa traços do estilo intuitivo imaginário, evidenciado pelo sorriso e comentário do envelope maior, buscando talvez diluir a tensão e transformar o momento em algo mais leve e criativo. No entanto, seu silêncio reflexivo e o contato cuidadoso com o desenho denotam uma sensibilidade profunda, possivelmente com apoio ao estilo subjetivo, onde a percepção das consequências e a ponderação emocional se manifestam.

Ambos, cada um com suas forças e resistências, demonstram a complexa interação das funções conscientes e inconscientes descritas por Jung, sinalizando o início de um processo importante de autoconhecimento e abertura — de resistência ao convite para acolher o que é desconhecido, e, em última análise, de um convite para o desenvolvimento da totalidade do self.

Esse episódio ilustra como, na dialógica terapêutica, os objetos simbólicos (neste caso, o desenho), os gestos e as reações não-verbais são portadores de significados essenciais, oferecendo pistas para a condução sensível e criativa do processo, respeitando os ritmos e os limites internos de cada sujeito.

Considerações finais

A apresentação deste artigo sobre a teoria e a prática do método da “dialógica” compartilhada ressalta e comprova seu valor e seus resultados positivos na entrevista diagnóstica, na intervenção psicopedagógica, nas orientações a cuidadores, pais e educadores, bem como na dinâmica entre especialistas e pesquisadores.

O filósofo Martin Buber conceituou a dialógica do “encontro face a face”, em que o ser humano se expressa e cria com o outro, valorizando a experiência de cada participante. Essa dialógica compartilhada envolve o método de conversação, que Fernando Gonzalez conceitua ao destacar a subjetividade na construção do conhecimento.

O filósofo e linguista russo Mikhail Bakhtin também valoriza a dialógica, considerando-a como a dinâmica fundamental para o desenvolvimento da linguagem e do pensamento humano. Nessa perspectiva, múltiplas vozes, verbais e não verbais, podem ser escutadas e expressas.

O pensamento analítico e pós-junguiano reforça a importância dessa escuta, valorizando as múltiplas vozes que emergem do meio, da cultura e do inconsciente. Jung e os pós-junguianos contribuem com a compreensão da dinâmica entre oposições e possíveis complementações, que envolvem tanto o nível consciente quanto o inconsciente. Destacam ainda a necessidade de escutar as vozes que revelam diferentes aspectos do self, passíveis de integração às vozes já reconhecidas pelo ego.

A dialógica compartilhada, nesse sentido, possibilita aprender a respeitar e a valorizar os diferentes saberes e expressões dos tipos psicológicos, que se revelam em seus potenciais e limitações. De acordo com o enfoque junguiano e pós-junguiano, torna-se possível buscar uma aproximação entre essas diferenças, reconhecendo seus valores e suas complementações.

Se considerarmos a dialógica aplicada à entrevista para diagnóstico, orientação educacional ou pesquisa, é necessário não confundir as indagações com as questões de um questionário linear, predefinido e fechado. Basta um esboço de temas ou questões que funcione como “eixo norteador”.

Na dialógica, as indagações surgem a partir das experiências e questões daquele que expressa o que sente, percebe, pensa, vive e cria. Recursos de grande valor para mobilizar e gerar confiança e espontaneidade nessa dinâmica são as atividades lúdicas e as expressões artísticas e literárias, como contos, pintura, desenho, modelagem e recortes, entre outros. Esses podem ser associados à música, a atividades cênicas e às expressões corporais, ampliando o campo de possibilidades.

Nos recortes de experiências apresentados por meio dos depoimentos dos participantes da dialógica — incluindo adultos aprendizes, pais e crianças — foi comprovada a eficácia dessa dinâmica, na qual se entrecruzam conversações e escutas que valorizam as diferenças de potenciais, saberes e vivências de cada indivíduo, assim como o valor de seus estilos cognitivo-socioafetivos.

Um fator de grande relevância, destacado em alguns depoimentos, refere-se à diversidade de recursos artísticos e de expressões lúdicas, que ampliam a dialógica e a consciência acerca das possibilidades de cada participante. Essa integração permite ser, sentir, pensar, viver e expressar, favorecendo o desenvolvimento psíquico, cognitivo e socioafetivo.

Em conclusão, as análises teóricas e práticas constataram que a abordagem dialógica estimula a ressignificação de crenças limitantes, promove a autonomia do sujeito e fortalece os vínculos familiares, ampliando a consciência das múltiplas dimensões envolvidas.

Dessa forma, este trabalho contribui para demonstrar que o método dialógico, nas entrevistas e dinâmicas terapêuticas, consolida-se como um recurso essencial. Ele possibilita mediar dificuldades de aprendizagem, promover o desenvolvimento cognitivo-socioafetivo de clientes e aprendizes, favorecer processos de transformação terapêutica e educacional e ampliar a consciência afetiva e cognitiva dos envolvidos nos processos de desenvolvimento psíquico, cognitivo, socioafetivo, de cuidado e de ensino.

Há ainda muito a conquistar e a desenvolver por meio da dialógica multiprofissional e da orientação a pacientes adultos e cuidadores. Na área da saúde, a medicina tem ressaltado a importância da dialógica multiprofissional diante das polarizações e reducionismos característicos da atuação especializada. Outro desafio refere-se à predominância contemporânea de um pensamento pragmático e imediato, que focaliza excessivamente a inteligência tecnológica.

As pesquisas atuais em psicologia analítica (Cambray & Sawin, 2012) apontam novos desafios para a prática analítica diante dos riscos de isolamento, reducionismo e polarizações fomentados pela cultura pragmática do imediato, pela cibernética e pelo mau uso da inteligência artificial. Que a voz da máquina possa se alternar com as vozes humanas que emergem do encontro presencial — eu-tu, eu-nós — e das criações que brotam desse compartilhamento entre diferentes, revelando o potencial singular de cada estilo na forma de ser, viver, sentir, criar, pensar e aprender.

Referência Bibliográfica

- Fagali, E. Q., & Gemas, C. (2024). *Narrativas na construção da identidade no desenvolvimento da linguagem: dialógica compartilhada, múltiplas vozes e diferentes estilos cognitivos-socioafetivos*. Revista Construção Psicopedagógica, 34 (36),32-46.
- Azevedo, R. Q., & Fagali, E. A. (2023). *Diagnósticos e mediações psicopedagógicas em tempos de pandemia, com foco no estilo cognitivo-socioafetivo subjetivo*. In C. T. P., Campos, T. M., & Macedo, E. C. (Orgs.), *Intervenções em psicopedagogia: teoria e prática baseada em relatos clínicos* (Vol. 3, pp. 152–171). Ferramentas para enriquecer a prática e relatos de práticas online.
- Di Fanti, M. G. C. (2023). *Veredas: estudos linguísticos*, 7(12), 95–111. UNISINOS.
- Cambray, J; Sawin, L. (org. 2021) *Pesquisa em psicologia analítica* . Petrópolis: Vozes
- Fagali, E. Q., & Pugliese, A. L. (2015). *A produção de sentidos subjetivos por alunos da psicopedagogia sobre dificuldades de aprendizagem*. In A. A. Anache, B. J. L. Scoz, & M. I. S. Castanho (Orgs.), *Sociedade contemporânea: subjetividade e educação* (Cap. 5, pp. 88–110). São Paulo: Editora Menon.
- Fagali, E.Q. (2013) . *Identificação dos estilos cognitivos afetivos de heróis dos contos e dos sujeitos, em situações de aprendizagem, sob o enfoque psicopedagógico-arteterapêutico*. Revista Construção Psicopedagógica,21 (22),46-66 .
- Fagali, E. Q. (2007). *A relação afetiva na relação de aprendizagem: diferentes significados e formas de atuações*. Revista Diálogo Educacional, 7(20), 51.
- Fagali, E. Q. (2005). *Encontros entre arteterapia e psicopedagogia: a relação dialógica terapeuta e cliente, educador e aprendiz*. In Siornai (Org.), *Percursos em arteterapia: arteterapia e educação, arteterapia e saúde* (Vol. 64, Parte 1, pp. 17–18). São Paulo: Summus.
- Gonzalez, R.F.(2005 org.), *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia*. São Paulo: Thompson – Pioneira
- Gonzalez, R. F. (2003). *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural* . São Paulo: Thompson – Pioneira ONZ.
- Fagali, E. Q. (2001). *A dinâmica relacional, a subjetividade, o múltiplo e o transitar na aprendizagem do adolescente de quinta série: o que nos revela o suposto enigma da quinta série* (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Gemas, C. (2023). *As possibilidades da integração do “Eu sou” e da mobilização dos “Estilos cognitivos-socioafetivos” da criança aprendiz: um diálogo entre as intervenções terapêuticas da psicopedagogia, os protagonistas da educação e da família do cliente* (Monografia de Psicopedagogia). Instituto Sedes Sapientiae.
- Hycner, R. I., & Jacobs, I. (1997). *Relação e cura em Gestalt terapia*. São Paulo: Summus.
- Bakhtin, M. (1992). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.

Entrevista dialógica para o diagnóstico e mediações terapêuticas: ampliação da consciência e diálogo com as capacidades dos diferentes estilos “cognitivos-socioafetivos”

Jung, C. G. (1987). *O eu e o inconsciente* (Vol. 7). Traduzido por Dora Ferreira da Silva. Editora Vozes. Rio de Janeiro.

Buber, M. (1977) *Eu e tu* . São Paulo: Moraes

Von Zuben, N. A. (1977). *Introdução*. In M. Buber, *Eu e Tu* . São Paulo: Moraes.